

ANA MARIA MACHADO

Romântico, sedutor e anarquista

Como e por que ler Jorge Amado hoje

Copyright © 2014 by Ana Maria Machado

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Joana Figueiredo

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Valquíria Della Pozza

Mariana Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Ana Maria

Romântico, sedutor e anarquista : como e por que ler Jorge Amado hoje / Ana Maria Machado — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2500-5

1. Amado, Jorge, 1912-2001 - Crítica e interpretação I. Título.

14-09665

CDD-869.9309

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira ; História e crítica 869.9309

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio: Das artes de ser Amado e ser forte como um Machado — Lilia Moritz Schwarcz	7
Introdução: O dengo que o Amado tem	13
Uma escolha natural	21
Qual é o seu Amado?	30
Má fortuna, amor ardente	40
Os sentidos do popular	46
O desejo de seduzir	63
Um romântico anarquista	72
Velhos ingredientes, novos temperos	83
Um e outro (e mais outro ainda)	100
Risco de milagres	111
A tentação da utopia	122
<i>Notas</i>	133

Uma escolha natural

Começo a escrever este livro na Inglaterra, em Oxford. Mas, até poucos meses atrás, ele não estava nos meus planos. Só sabia que vinha dar um curso aqui. Aos poucos, fui tendo vontade de fixar a experiência intelectual que estou vivendo e compartilhá-la com os leitores. Podemos iniciar tudo pela explicação das circunstâncias.

A Academia Brasileira de Letras tem um acordo com o Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford para lá manter a cátedra Machado de Assis, com o objetivo de divulgar nossa literatura num dos mais antigos monumentos ocidentais ao incontrolável desejo de saber.

Nos termos do acordo, todo ano um membro da ABL passa um trimestre em Oxford dando um curso, fazendo palestras e seminários sobre um dos autores brasileiros do currículo de letras modernas — Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Clarice Lispector.

Em 2004, o acadêmico indicado pela ABL, Sergio Paulo Rouanet, escolheu focalizar o nosso fundador e ministrou um curso em

que aproximava a prosa machadiana da obra de Laurence Sterne. Em 2005, foi a minha vez. Tinha de escolher entre os outros três autores. Após um primeiro impulso de selecionar Clarice, por ser mulher e por suas inúmeras qualidades de prosadora magistral, sobretudo como contista, ponderei melhor e mudei de ideia: resolvi que ia me dedicar a Jorge Amado.

Tinha algumas boas razões para isso.

Antes de mais nada, a constatação de que Clarice Lispector provavelmente é hoje a autora nacional mais estudada no exterior, sobretudo a partir da intensa valorização que sua obra experimentou desde que foi descoberta pelas feministas francesas na década de 1970. Seguramente, eu não teria grande coisa a acrescentar a tão esplendorosa fortuna crítica de alguém que está vivendo um momento de grande evidência, a ponto de ser considerada na intimidade dos professores de literatura brasileira como “a queridinha das universidades estrangeiras”. Portanto, com toda a certeza, dos três autores que me restavam disponíveis para a seleção, entre os brasileiros do cânone oxfordiano, sem dúvida seria ela a menos beneficiada com minha eventual atenção, tamanho o interesse que sua obra já desperta nos meios acadêmicos internacionais. Minha utilidade seria bastante reduzida.

Pode não parecer muito simpático, mas a verdade manda que eu confesse também que pesou na escolha a minha disposição de trabalhar a sério, de passar um ano inteiro lendo e relendo intensivamente a obra do autor que selecionasse, mergulhada em seus textos. E o universo de Clarice Lispector é tão opressor e angustiante, tão pesado e tenso, que me descobri hesitante diante da perspectiva aflitiva de uma imersão prolongada na admirável eloquência de seus silêncios e na densidade de suas minúcias de nervo exposto. Não dá para sair incólume. No fundo, reconheço que talvez eu tenha sido mesmo motivada por um certo movimento de autoproteção emocional ou de puro medo de ficar tanto

tempo envolvida pelos altos graus de ansiedade que constituem o universo de Clarice Lispector. Aliás, foi mesmo um grande amigo dela, o poeta Paulo Mendes Campos, que em uma bela crônica fez a distinção entre os artistas que admiramos e os que amamos. Constatei que, embora admire intensamente a prosa clariciana sem restrições, e ame a leitura de seus textos em doses homeopáticas, com direito a pausas, não me via com estofamento emocional para atravessar alguns meses de foco concentrado e dedicação exclusiva ao inescapável desconforto em que seus textos me instalam. Sou suscetível a climas. Com toda a probabilidade, tais atmosferas cobrarão seu preço em mim.

Assim, em nome do puro prazer, preferi mergulhar na Bahia de Jorge Amado, já que me dispunha a permanecer um bom tempo em sua companhia. E reencontrar aquela prosa solar e saudável cuja leitura descobrira em minha adolescência e à qual muito pouco voltara nos últimos anos — no que estava refazendo as circunstâncias leitoras de muitos brasileiros, como vim a descobrir em várias conversas que tive com amigos no decorrer do meu trabalho.

Ao mesmo tempo, seria uma espécie de desafio intelectual provocador. Uma oportunidade para não trilhar as veredas acadêmicas de sempre e sair dos caminhos batidos. Confrontar-me com um tipo diferente de enigma a examinar e decifrar. Tentar balizar, modestamente, o lugar de um escritor quase único. Um autor tão na contramão da tendência dominante na literatura contemporânea, tão pouco dado a mergulhar na introspecção psicológica ou a “puxar angústia” (na inesquecível expressão de Fernando Sabino) que parece até recusar a própria condição da modernidade. Ou, para definir esse fenômeno com a ajuda de um olhar alheio, o do peruano Mario Vargas Llosa:

Em poucos escritores modernos encontramos uma visão tão “sadia” da existência como a que propõe a obra de Jorge Amado. Geralmen-

te (creio que existam poucas exceções a essa tendência) o talento dos grandes criadores de nosso tempo tem se debruçado, especialmente, sobre o destino trágico do homem, e explorado os abismos sombrios por onde ele pode precipitar-se. Como explicou Bataille, a literatura tem representado sobretudo “o mal”, a vertente mais destrutiva e ácida do fenômeno humano. Jorge Amado, ao contrário, como é comum nos clássicos, exaltou o reverso daquela medalha — a cota de bondade, alegria, plenitude e grandeza espiritual, que a existência também comporta, acaba sempre em seus romances ganhando a batalha em quase todos os destinos individuais.¹

Ainda mais porque tal escolha tinha outras duas justificativas que merecem consideração.

Por um lado, o baiano era o único acadêmico entre os três nomes disponíveis, e, se a Academia Brasileira de Letras é a instituição que patrocina o programa conjunto com o Centro de Estudos Brasileiros, pareceu-me desejável e justo que, antes de passar aos outros, o foco dos cursos se dirigisse a um de seus membros.

Por outro lado, já há algum tempo venho achando que a obra de Amado anda merecendo uma reavaliação crítica, agora que já se passaram alguns anos de sua morte. Como costuma acontecer nesses casos, o tempo age no sentido de efetuar uma espécie de decantação. As opiniões mais emocionais sobre seus escritos já tiveram algum tempo para assentar, turvando menos as águas que as envolvem.

De certo modo, trata-se de um caso semelhante ao de Erico Verissimo, mas talvez mais agudo.

Não seria a primeira vez que um paralelismo aproxima a sorte desses dois autores, muito provavelmente os mais populares hedonistas de nossa literatura moderna. O próprio Jorge menciona esse destino comum, numa declaração feita nos anos 1930:

O mundo já começa a se interessar pela literatura brasileira. Livros novos são traduzidos e agradam. Há poucos dias, um escritor norte-americano, Samuel Putnam, escrevia numa revista dos Estados Unidos um artigo onde de repente dizia uma coisa mais ou menos assim: “por mais incrível que pareça, os melhores romances de massa que se fazem hoje no mundo são brasileiros”. E citava a Erico Verissimo e a mim.²

Unidos os dois, para o bem e para o mal. E com perfeita consciência disso. Em *Navegação de cabotagem: Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*,³ Jorge Amado relembra uma conversa que teve com o amigo gaúcho a esse respeito, sobre o sucesso que ambos tinham e a má vontade da crítica em relação a eles. A recordação evocada pelo baiano se completa com um comentário: “Certos críticos [...] nunca nos perdoaram o público que nossos livros conquistaram, nos malharam a vida inteira”.

Em suas lembranças, Jorge Amado conta que Erico concordou e acrescentou: “Eles nos acham muito burros, Jorge”.

Continuaram sempre amigos, em percursos paralelos. Ainda em *Navegação de cabotagem*, Amado recorda que, em 1970, em pleno governo autoritário do general Médici, o ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, apresentou um projeto de censura prévia para a publicação de livros. Por telefone, Jorge e Erico, os dois escritores mais lidos do país, decidiram então fazer uma enérgica declaração conjunta, dizendo que jamais aceitariam isso, em hipótese alguma. Se necessário, deixariam de publicar no Brasil. Combinaram uma estratégia de divulgação e conseguiram que vários jornais de diferentes cidades reproduzissem suas palavras. O ministro recuou e o projeto acabou engavetado, para orgulho dos romancistas, como comenta Amado: “Para alguma coisa há de servir possuir grande público, leitores em profusão, merecer carinho e respeito: o poder dos escritores”.

Seja como for, apesar do belo trabalho que vem sendo desenvolvido na Bahia pela Casa de Jorge Amado, o fato é que os meios universitários em geral (com as honrosas exceções de praxe, sobretudo nos últimos tempos, em faculdades baianas, mineiras e alguma coisa no Rio de Janeiro) tendem a descartar sumariamente o desafio de fazer uma reflexão crítica mais aprofundada sobre o romancista.

Embora Verissimo viva uma situação parecida, no caso do autor gaúcho esse fenômeno é um pouco menos pronunciado. No entanto, mesmo assim, continua bastante válida a observação de Wilson Martins:

Se, em geral, na história do modernismo, o espetáculo mais comum é o de escritores superestimados (mesmo pelo que teriam representado na eclosão ou na evolução do movimento), Erico Verissimo seria o exemplo único do escritor subestimado, à espera dos grandes ensaios críticos, das análises exaustivas e do “reconhecimento” do que efetivamente representa.⁴

De qualquer modo, recentemente isso vem mudando um pouco. Talvez pelo trabalho intenso do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, que se traduz em incentivo direto a uma permanente revisitação de sua obra pelas inúmeras universidades locais de excelente qualidade. Talvez pela data redonda de seu centenário neste ano de 2005, em que escrevo estas linhas. Talvez até porque Erico acabe se beneficiando de maneira indireta da imensa popularidade de seu filho Luis Fernando Verissimo, best-seller absoluto em todo o Brasil e igualmente um mestre da escrita.

Enquanto isso, em contrapartida, segundo hipótese que ouvi ser levantada mais de uma vez e que não deixa de ter certo fundamento, Jorge Amado estaria também sendo indiretamente prejudicado pela imagem negativa dos excessos de autopromo-

ção daquilo que com frequência se considera em determinados círculos como um certo exagero da *baianidade* e dos preconceitos a ela ligados.

Essa má vontade de setores universitários sulistas teria sido acentuada sobretudo a partir das mais recentes ondas de invasão musical baiana, de tantos artistas talentosos e tantas bandas barulhentas por todo o Brasil, que acabaram gerando em certos segmentos do público uma sensação de saturação que se estende a outros campos culturais e é muitas vezes expressa em piadinhas preconceituosas do tipo “baiano não nasce, baiano estreia”. Pode ser que se verifique esse fenômeno sobre o qual ouvi algumas alusões, não tenho como avaliar. O mais provável, porém, é que essa explicação esteja servindo de pretexto para justificar uma atitude preconceituosa sulista.

Aqui, não há como não fazer uma pausa para lembrar: no prefácio à edição de 1987 de *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, Gilberto Freyre já apontava o “sectarismo” com que autores nordestinos em geral eram recebidos no Sul, em meios que gostariam de ver o modernismo paulista como único cânone literário do país, excluindo os outros ou deslocando-os sutilmente para uma certa minoridade periférica — para a faixa do regionalismo, do exotismo, do folclore ou da sensualidade grosseira.⁵

Volto a dizer que pode ser, não sei. É um fenômeno que, embora facilmente constatável, foge ao âmbito literário e seria mais bem analisado por um olhar fundado na sociologia, na antropologia ou na psicologia social. O que sei é que essa zona de sombra crítica acabou se constituindo num motivo a mais de atração para mim. Essa relativa condição de marginal diante dos círculos intelectuais me despertou curiosidade e me acendeu a vontade de tentar somar minha leitura aos esforços de quem vem tentando lançar sobre a obra amadiana pelo menos uma réstia de luz, algo da *Illuminatio* que a Universidade de Oxford pede ao Senhor em

seu lema secular, reproduzido em seu escudo por toda parte dessa cidade de muros de pedra, amplos gramados, muito verde e torres que miram o céu, celebrando o saber humano.

Outro fator teve, ainda, um peso decisivo na minha escolha.

Essas oportunidades de nos olharmos de fora, focalizando a nossa própria cultura de um ponto de vista externo e com outra perspectiva, muitas vezes podem se constituir numa boa chance para pensarmos sobre nós mesmos. Com mais distância e menos interferência local, o olhar ganha condições de discernir certos aspectos que antes, na imersão e na proximidade do referente, não se evidenciavam de forma tão clara.

Há alguns anos, dando um curso em Berkeley, aproveitei o estudo que estava fazendo com meus alunos para examinar determinados traços muito arraigados da cultura brasileira — como o patriarcalismo, o autoritarismo, a exclusão social, a desigualdade — e exemplos diversos de reação contra eles, a partir de como vêm sendo expressos em alguns belos textos de nossa literatura. Queria agora aproveitar a oportunidade para levar um tantinho mais adiante essas observações e aprofundar um pouco minha tentativa de análise, procurando estudar uma obra literária que, sem negar o peso de todos aqueles nossos atributos negativos já citados — que conhecemos e com que a todo momento nos defrontamos na ficção dos mais diferentes autores nacionais —, também destacasse um outro lado da moeda. Interessou-me examinar a produção de um autor capaz de trazer à representação ficcional da realidade brasileira nossas possíveis contribuições positivas a um mundo em crise: nosso interculturalismo, nossa miscigenação, nosso hibridismo cultural, nossa sociedade relacional. E nossa surpreendente resistência às adversidades, nossa atitude celebratória da existência apesar de tudo, nossa inacreditável (e nem sempre explicável) alegria de viver.

Ou seja, eu não comecei do zero, de uma visão virgem sobre a

ficção que iria estudar. Parti de uma conjectura concreta, baseada na lembrança de todas as minhas leituras anteriores do romancista baiano e do papel quase legendário de que sua presença é popularmente investida em nossas letras. Essa premissa foi a hipótese de que a obra de Jorge Amado ajuda a lançar luz sobre alguns aspectos da identidade nacional que nem sempre, ou raras vezes, ficam em primeiro plano em nossa literatura. E, no entanto, eles também nos caracterizam.

Esse fator foi decisivo. Jorge Amado seria, pois, o escolhido.